



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CÉSAR ALVES AMARAL

TEMPO DE RECREIO: INTERVIR?

Brasília-DF
2022

César Alves Amaral

TEMPO DE RECREIO: INTERVIR?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura (código: FEF/0057) do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física – FEF da Universidade de Brasília – UnB como requisito parcial para a conclusão de curso e obtenção do diploma de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Dr. Marcelo de Brito

Brasília-DF
2022

César Alves Amaral

TEMPO DE RECREIO: INTERVIR?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito parcial para a conclusão de curso e obtenção do diploma de Licenciatura em Educação Física, avaliado por:

Orientador: Dr. Marcelo de Brito

Prof. Dr. (Leonardo Lamas Leandro Ribeiro)

Avaliado em: _____ de _____ de 2022.

Nota:

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre me dar saúde me manter motivado nesse caminho e me forçar para superar os obstáculos que a vida tem, em seguida agradeço meus familiares, em específico minha avó que sempre esteve ao meu lado a minha mãe que fez o possível pra acompanhar e me dar apoio, direciono também a minha namorada, que me apoiou em momentos que eu mais precisava, meus amigos da faculdade e de infância que deixaram mais divertido e menos estressante essa fase.

Sou grato também aos meus professores que com excelência me orientaram nesse processo e foram de enorme ajuda para que pudesse compreender, sobre o tema e aspectos que rodeiam o nosso curso. Tudo isso junto formam o profissional que sou hoje e potencializam o que eu posso vir a ser, entre erros e acertos só agradeço pelas pessoas que somam de modo positivo na minha vida, a todos vocês meus sinceros obrigado.

“As brincadeiras das crianças deveriam ser consideradas suas atividades mais
sérias.”
Montaigne

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estruturas e espaços do recreio

Figura 2: Brinquedos utilizados pelas crianças

Figura 3: Crianças brincando no espaço recreio

RESUMO

O presente estudo em formato de relato de experiência tem como foco analisar o espaço-tempo de recreio numa escola na qual atuei como estagiário. Onde mergulho nesse espaço/tempo, começo a observar e interagir, minhas motivações são todas voltadas para melhoria do conteúdo que se aplica ao mesmo. As Indagações que o motivaram estão relacionada ao como a escola trata este momento escolar, como os alunos o percebem. Neste sentido, identificar qual a visão do Estado, observar os fenômenos e ações referentes ao recreio, analisar qual o espaço e tempo reservados pela escola, qual a postura com relação à promoção de atividade física para os estudantes? deve haver intervenção? são aspectos tratados neste relato. Ao final percebo a grande importância desta experiência e quais possibilidades são geradas no recreio, apresento também algumas ideias que podem ser soluções se bem planejadas e aplicadas no contexto adequado, exaltando que o brincar é essencial em todas as etapas da vida, e para as crianças, é coisa séria.

Palavras-chave: Recreio, intervenção, brincar, atividade física.

ABSTRACT

The present study in the form of an experience report focuses on analyzing the space-time of recreation in a school where I worked as an intern. Where I dive into this space/time, I start to observe and interact, my motivations are all aimed at improving the content that applies to it. The questions that motivated him are related to how the school treats this school moment, how students perceive it. In this sense, identify the State's vision, observe the phenomena and actions related to recess, analyze the space and time reserved by the school, what is the posture in relation to the promotion of physical activity for students? should there be intervention? are aspects addressed in this report. At the end I realize the great importance of this experience and what possibilities are generated in the playground, I also present some ideas that can be solutions if well planned and applied in the appropriate context, extolling that playing is essential at all stages of life, and for children, it is serious business.

Keywords: Recess, play, physical activity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: a realidade da escola onde atuo	10
2. O QUE ENCONTRAMOS NA LITERATURA	12
2.1 O lúdico como valor fundamental para condição humana	14
2.2 Caracterizando o contexto do recreio	17
2.3 A relação entre recreio e educação física	21
2.4 Intervir ou não intervir?	23
3. ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. INTRODUÇÃO: a realidade da escola onde atuo

Este estudo consiste em um relato de experiência. Iniciei a quase 2 anos, na condição de estagiário, atividades de cunho docente numa escola de modelo privado com ensino infantil e fundamental. Sob orientação da direção escolar venho realizando intervenções no recreio das crianças.

Segundo a coordenadora pedagógica, o recreio é um espaço/tempo pertencente à criança onde ela tem liberdade para fazer o que bem entender, sobretudo para brincar, socializar, extravasar toda tensão que as aulas em sala impõem na rotina. Porém, há uma preocupação com o bem-estar físico e psicológico dos alunos pois no recreio é quando emergem diversos problemas para gestão da qualidade do ensino.

Por isso fui selecionado para desempenhar um papel de supervisor/monitor das atividades do recreio tanto no infantil como no fundamental. Deparei-me desde o começo dessa função, com diversas situações e problemas que ocorriam com muita frequência. Brigas, acidentes, *bullying* e reclamações ocorriam a todo momento.

Vivenciando a prática da função determinada, observava a dinâmica dos estudantes e me questionava sobre quando e deveria realmente intervir. Como seria mais adequado atuar?

Com o olhar no passado me recordo da minha época infantil, em específico o período escolar, onde amava a maioria das experiências vivenciadas dentro da sala de aula, mas mais ainda o momento de liberdade e euforia fornecido pelo famoso e amado recreio. Naquela época o recreio era mais extenso temporalmente tanto que cabia se alimentar, brincar, conversar, descansar e ainda sobrava tempo para realizar necessidades fisiológicas sem pressão.

Partes marcantes do meu aprendizado foram construídos no recreio. Me sentia mais livre para ser eu mesmo, ou melhor ainda, fazer descobertas diversas longe das vistas controladoras dos adultos.

Logo que batia o sinal sonoro do recreio as “feras” saíam da sala de aula, tinha outro sinal de pré-aviso de terminalidade, para acalmar e chamar de volta.

Quando volto à escola, agora vivenciando o outro lado com os olhos de “professor”, vejo uma outra realidade relacionada ao recreio. Vejo um contexto bem mais restritivo e controlado, com uma diminuição considerável no tempo oferecido para os alunos. Conflitos e brigas ocorrem com grande frequência. O uso de celulares e jogos digitais predominam neste contexto.

Então, inserido nesse meio, comecei a refletir sobre o porquê destas mudanças fato que me levou a observar, analisar e investigar o que vem ocorrendo, pois me deparei com uma situação diferente dos meus tempos de escola. Diante disso pensei se não seria necessário intervir.

Neste sentido, o estudo busca identificar como o recreio escolar vem se configurando atualmente, se tem contribuído para a qualidade de vida escolar dos estudantes e qual o papel do profissional de Educação Física nesse espaço/tempo, relatando por meio das minhas experiências no meio escolar e relacionando os estudos existente na área.

No primeiro momento do texto, buscaremos estabelecer uma relação entre o recreio e o movimento corporal, uma vez que a motricidade tem íntima relação com a educação física. Discorreremos sobre a relação do recreio com a escola e as mudanças e adaptações que foram impostas. Uma vez que no contexto atual do ambiente do recreio é bem diversificado pois cada escola tem sua maneira de lidar com este momento.

Outros aspectos que consideramos de grande relevância para o tema são os sentimentos em relação ao recreio pois, muito das interações socio afetivas ocorrem durante o mesmo e a ação dos professores durante esse momento.

Alguns estudos afirmam a importância do recreio não somente em aspectos biológicos de manter um corpo saudável, mais também em aspectos pedagógicos onde as possibilidades de aprendizado se multiplicam, indo além das salas de aulas.

Neste sentido, o contexto atual do ambiente do recreio é bem diversificado, cada escola tem o seu modelo e autonomia em relação tempo/espaço, o estudo aborda sobre esses pontos e sobre a ação dos professores durante esse momento.

Em suma, o intento é contribuir para compreensão e qualificação do fenômeno recreio.

2. O QUE ENCONTRAMOS NA LITERATURA

Segundo Pereira (2014) o recreio escolar representa um espaço-tempo de liberação no contexto da escola, usado principalmente para brincar e fazer suas construções sociais. O que é observado e investigado reporta a algo muito valorizado, não só pelos estudantes, mas também pelos docentes. Porém considerando o pensamento materialista e meritocrático que consolidou o modelo burguês de educação, calcado na cientificidade e na formação para o trabalho, a ordem escolar funciona sob a lógica de seriedade. Disciplina e esforço são necessários para se alcançar sucesso, tanto no domínio do conhecimento como na vida. Neste modelo, a relevância recai centralmente no desenvolvimento da capacidade cognitiva (aspecto mental) onde o destaque recai sobre aqueles que dominam o conhecimento teórico. Todas as outras inteligências (Gardner, 1995) são secundárias fazendo com que um rol extenso de aprendizagens seja desprezado ou subjugado no ambiente escolar. Nessa lógica, recreio paulatinamente vem sendo reduzido porque é visto como tempo não produtivo. Afinal o que importa é o conhecimento que está no currículo formal. O recreio, ao que parece, não é espaço de aprender.

As escolas deveriam tratar esse momento de outra forma? Estas perguntas ficam pairando em relação a este tema, pontos importantes a serem discutidos e analisados.

O recreio escolar ou intervalo das aulas está presente nas vidas de todos estudantes, se manifestando desde a educação infantil até a pós-graduação. É de suma importância entender a origem etimológica da palavra “recreio” nos leva ao termo recreação que quer dizer período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas (FERREIRA, 1999, p. 1721).

Em relação a recreação entendemos “o momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer” (CAVALLARI & SACARIAS, 1994, p.15).

Assim há um elo integrador entre os dois termos. Todavia, é importante reparar como esse espaço-tempo dito livre, está sendo utilizado pelas crianças uma vez que o uso de mercadorias de entretenimento, sobretudo celulares, está cada vez mais presente nesse momento. São “brinquedos” que induzem um lazer polarizado,

determinado e condicionante. Os estudantes estão à mercê do que estes equipamentos sugerem.

Cislaghi e Neto (2002) ressaltam que a escola está sendo cada vez mais cobrada para suprir a carência de movimentação das crianças, conseqüente da violência urbana e falta de espaços físicos adequados.

O recreio é um termo bem conhecido nas escolas, principalmente pelos alunos, um momento valioso e aguardado tanto para professores quanto para as crianças e adolescentes. Segundo Lopes (2012, p.65) “No contexto escolar, o recreio é reconhecidamente um tempo e um espaço importante no âmbito da promoção da atividade física em crianças.”

Sendo assim analisando de forma ampla o desenvolvimento humano, onde se desenvolve de modo integral, além do recreio proporcionar um espaço para o desenvolvimento físico, gera outros benefícios, segundo Lopes (2012) nomeadamente de aspetos: sociais (partilha, cooperação, comunicação, resolução de conflitos, auto disciplina, etc.); emocionais (libertação do stress, auto estima, desenvolvimento do carácter, etc.); e cognitivos (criatividade, resolução de problemas e vocabulário, etc.).

Bowers & Gabbard (2000) apontam que os “recreios são ambientes potencialmente ideais para o desenvolvimento e enriquecimento de aprendizagens infantis” que os recreios têm potencialmente características singulares que contribuem para o desenvolvimento e enriquecimento de aprendizagens infantis por se tratar de um momento de um ambiente que gera uma sensação de liberdade para realizar qualquer ação, seja ela, comer, brincar, conversar, descansar, etc.

Segundo Lopes (2012) o aprofundamento do conhecimento é feito no recreio, onde as crianças colocam em prática o que aprenderam em sala de aula, também é o espaço de descobrirem suas paixões e interesses.

Como sugerem Rizzi; Haydt, (1986) apud Alves, (2011),

Jogar é uma atividade natural do ser humano. Ao brincar e jogar, a criança fica tão envolvida com o que está fazendo, que coloca na ação seu sentimento e emoção. A recreação, assim como a atividade artística, é um elo integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. (p.7).

Lopes (idem) acentua também que o recreio favorece a descoberta das paixões e interesses o que constitui um cenário de interação e produção cultural. No

recreio ocorre as conexões com pares mais livres e espontâneas sem a intervenção direta de um adulto, sendo tão importante quanto realizadas em sala de aula. Assim, o recreio é o momento favorável à manifestação do lúdico. É onde ocorrem as primeiras escolhas de amigos que se dão sobretudo através de um jogo ou uma brincadeira realizada pelas próprias crianças. Brincar etimologicamente quer dizer vínculo, o recreio é momento de viver relações.

2.1 O lúdico como valor fundamental para condição humana

Para iniciar, no entanto, precisamos esclarecer ao leitor o que é lúdico? Na origem latina, a palavra lúdico vem de *ludus* que quer dizer jogo. Jogo é uma palavra extensamente utilizada para se referir a diferentes práticas sociais, há muitas coisas indicando que a própria vida se assemelha ao jogo. (HUIZINGA, 1971)

Deste modo, o autor deixa claro que tanto na vida quanto no jogo vão existir derrotas e vitórias, e que o ato de jogar está presente na humanidade desde os primórdios.

Alguns autores como Vygotsky (1987) entendem que o lúdico começa a fazer impacto por meio da interação social. O autor relata que através da brincadeira e do brincar a criança começa a imaginar e interagir mais, o que acaba criando novas formas e meios de interação social com outros indivíduos.

O autor tem a compreensão de que na brincadeira a criança consegue ultrapassar o limite do desenvolvimento que já foi alcançado, o que abre novas possibilidades e tende a ajudar a criança a compreender novas ações mais desafiadoras. Pode acontecer do brinquedo nem sempre causar o impacto positivo na brincadeira para uma criança, já que a própria criança pode descobrir jogos e novas brincadeiras que podem atingir o seu interesse. Nem sempre o lúdico causará uma boa impressão, podendo até causar o desinteresse e isto pode acontecer em jogos coletivos ou esportivos quando uma criança acaba perdendo e sendo zombada pelo colega.

De acordo com Vygotsky (2000), a imaginação acaba sendo ferramenta muito utilizada para a criança no processo de brincar. O aponta que o brincar age como se fosse a imaginação em ação.

A partir dessa perspectiva, torna-se claro que o prazer derivado do brinquedo na idade pré-escolar é controlado por motivações diferentes daquelas do simples ato de brincar. Isso não quer dizer que todos os desejos não satisfeitos dão origem a brinquedo ou brincadeiras. Ao estabelecer critérios para distinguir o brincar da criança de outras formas de atividade, concluímos que no brinquedo a criança cria uma situação imaginária. Se todo brinquedo é, realmente a realização na brincadeira das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas, então os elementos das situações imaginárias constituirão, automaticamente, uma parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo. (p.81)

Neste sentido, o brincar durante o período pré-escolar cria caminhos no qual a criança utiliza para compreender o mundo que vive sendo um período importante para o amadurecimento emocional da criança (idem).

Segundo Almeida (1995), a brincadeira é um meio intermediador que pode inserir uma criança em um meio social de forma não intencional. Sem nem perceber, a criança acaba por fazer amizades apenas brincando de forma aleatória com outros indivíduos.

Sendo assim, o recreio propicia esse tipo de ambiente onde as crianças brincam de forma espontânea, e criam laços e amizades partindo do simples ato de brincar.

A manifestação do lúdico na escola compõem o recreio. Contudo, por vezes é preciso ajustes para se alcançar objetivos importantes sem deixar de valorizar o lúdico. A ampliação das interações entre os estudantes, a diminuição de conflitos, a exploração da cultura do lúdico podem ser mais valiosos através da intervenção consciente de um profissional, sobretudo da área de educação física ou de alguém munido de conhecimento que possa sugerir e/ou conduzir atividades.

[...] A educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações constantes com o pensamento coletivo. [...] (ALMEIDA, 1995, p.11).

O autor mostra a importância da utilização dos jogos e brincadeiras durante o processo de ensino aprendizagem como uma ferramenta importantíssima podendo ser utilizada no alcance de objetivos e objetos diversos. A orientação para a presença

do lúdico no recreio pode ser um motivador da alegria na escola. (SNYDERS G. Alegria na Escola. São Paulo, Manole LTDA. 1988).

De acordo com Dallabona e Mendes (2004, p.13).

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade.

Conforme defendido por Dallabona e Mendes (2004), é necessário refletir sobre a importância do lúdico na questão do ensinar e aprender, assim esse indivíduo poderá caminhar de forma mais efetiva sobre a educação. É importante agir de forma mais compreensiva, sabendo o lugar e o momento de envolver o lúdico nas atividades, para que esse elemento tenha a capacidade de agir de forma efetiva não só na vida das crianças, mas no processo de desenvolvimento.

Para Silva et al. (2018), as brincadeiras e os jogos são considerados um dos principais elementos participantes no desenvolvimento da criança onde as atividades onde o lúdico está presente tornam-se as principais brincadeiras da infância, o que acaba por promover diversas formas de desenvolvimento que são indispensáveis para o início da vida. Todavia a escassez na cultura lúdica atual pode comprometer a amplitude experiencial das gerações atuais. Lembrando que no ato de jogar a pessoa vai conseguir compreender regras e situações, isso tudo faz parte do processo de desenvolvimento. Aprende a lidar com a parte social que seria as interações com seus colegas que podem compartilhar jogos e experiências.

Muitas crianças tendem a aprender de forma mais visual, como por exemplo, assistir uma outra criança brincando de algo e querer participar dessa mesma ação. Podemos compreender que a participação de terceiros, seja criança ou adultos pode ser muito importante para que esse desenvolvimento integral, e nesse caso sobretudo o aspecto motor se destaca, possa ser mais explorado, com alguém ensinando ou a própria criança imitando e aprendendo sozinha.

Uma das situações que se apresentam como importantes para a análise do processo de constituição do sujeito é a brincadeira infantil. Rompendo com a visão tradicional de que a brincadeira é a atividade natural de satisfação de instintos infantis, Vygotsky apresenta o brincar como atividade em que tanto

significados sociais e historicamente produzidos são veiculados quanto novos podem ali emergir. (ZANELLA & ANDRADA, 2002, P.128).

Segundo Vygotsky (1998, p.134) “Esta subordinação estrita às regras é quase impossível na vida; no entanto torna-se possível no brinquedo. Assim o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança”.

O autor explica que, as crianças se comportam além do comportamento habitual de sua idade, diante do brinquedo, é como se eles fossem maiores que são na realidade, para exemplificar é fácil ver uma criança imitando o pai ou a mãe para um boneco, ou brincando de casinha, fazendo afazeres domésticos, compras, etc.

Uma criança solitária tem uma imaginação bastante exploratória, principalmente se ela tiver o desejo de brincar, seja com brinquedos ou algo inventado. Nas escolas podemos ver que professores tentam estimular esse fundamento das crianças quando lhes dão objetos recicláveis ou brinquedos aleatórios para montar.

A distância entre o nível evolutivo real determinado pela resolução independente do problema e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os colegas mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p.86).

Na presença do lúdico é possível que desde a primeira vez quando a criança tiver uma experiência diferente do que já lhe ocorreu, ela se sinta um pouco mais confortável e confiante para dar sequência nessas ações, seja de montar ou criar.

2.2 Caracterizando o contexto do recreio

A maioria dos espaços para criança, são planejados e organizados pelos adultos. Isso faz com que muitas vezes estes locais supram as expectativas dos próprios adultos e não dos verdadeiros usuários, as crianças, embora elas sejam capazes de participar ativamente na elaboração destes espaços, com sugestões e ideias das disposições de objetos (SANOFF, 1992).

As intervenções feitas em relação ao recreio são as mais diversas, como mudanças na estrutura física dos ambientes, monitores para observar as crianças, câmeras de segurança, atividades dirigidas, etc.

Os espaços e tempos de recreio das nossas escolas encontram-se, na maior parte dos casos, desvalorizados, umas vezes por negligência, outras por razões puramente econômicas (PEREIRA & NETO, 1997). Cada instituição escolar organiza e tem autonomia para e sobre o recreio.

O Ministério da Educação não estabelece critérios específicos para as construções dos pátios escolares, a única recomendação é que a área livre da escola ocupe 50% do terreno disponível (BRASIL, 1998, 1993, 1985). Porém, é importante pensar e fazer com que este espaço tenha qualidade para o tempo disponível do recreio e não se pautar somente por uma questão de metragem do terreno.

Apesar da grande importância dos pátios escolares em questão de dimensão (metros quadrados) e como local de interação social e atividade, a maioria das escolas brasileiras, os pátios escolares são vistos ainda apenas como um lugar onde as crianças ficam quando não estão desenvolvendo atividades em sala de aula, e por isso, de maneira geral, não seguem um projeto definido (FEDRIZZI, 2002).

Estes espaços são normalmente pouco atrativos, oferecendo escassa possibilidade de ação, conforto, estética, aventura, sociabilização e vegetação (PEREIRA, NETO, SMITH & ÂNGULO, 2002).

Um pátio atrativo e bem organizado pode facilitar o desenvolvimento social, cultural e intelectual (FEDRIZZI, 2002). Aspectos como organização do lugar, tipos de brinquedos, idade das crianças, entre outros. Neste sentido, para a criação e estruturação destes ambientes penso que seria fundamental estudar, investigar, dialogar com os estudantes para saber o que fazer. Afinal, a realidade mostra que parece que a lógica do adulto não vem tendo uma saudável convergência com os interesses dos estudantes.

Os autores convergem neste ponto onde as crianças precisariam participar de alguma forma neste processo de criação destes ambientes que serão voltados a elas, deste modo os autores falam desta fundamentação para este fim.

A disponibilidade e quantidade de brinquedos é um ponto importante a se observar, pois é um fator do ambiente que influencia as interações infantis (LADD & COLEMAN, 1992).

Além da disponibilidade de brinquedo, o tipo de equipamento existente também influencia as interações entre crianças. Gilmartin (1998) afirma que a natureza do

equipamento disponível no pátio está extremamente relacionada com o comportamento de interação que nele ocorre. Ela classifica esses brinquedos como: tradicionais (balanço, escorrega, gangorra e similares), contemporâneos (conta com matérias mais novos que contam com elementos alternativos como areia, água e árvores) e de aventura (labirintos, áreas de pneus ou sucatas e outros lugares onde as crianças pudessem inventar suas atividades). No Brasil, de modo geral, as áreas livres são compostas basicamente de equipamentos tradicionais.

Segundo (MARQUES, 2001) as características dos espaços de recreio condicionam os acontecimentos, se o espaço não tem estruturas e materiais, as crianças brincam com seus corpos.

Percebemos como os autores Marques e Coleman, falam no mesmo sentido, quando os recursos são escassos as crianças utilizam mais o corpo, deste modo os materiais ofertados influenciam as atividades a serem executadas.

Outro ponto importante a expor sobre o recreio é sua relação com o tempo, muitas das vezes escasso, o tempo fica a critério de cada escola e como ela fará essa divisão. Atualmente há um consenso geral que 30 minutos de recreio são suficientes para as crianças comerem, realizarem suas necessidades fisiológicas, e brincarem. Na escola que atuo o tempo é de 20 minutos, mas esse tempo é tão limitado, há relatos de professores com mais idade que afirmam que no seu tempo de escola o recreio escolar tinha aproximadamente 1 hora de duração. Qual o motivo dessa brusca diminuição do tempo? Quais as consequências que foram causadas para os alunos e para a instituição? Enfim o fato é que ocorreu essas mudanças e as crianças tiveram que se adaptar, escolher entre lanchar com calma ou brincar das suas brincadeiras favoritas, as duas coisas neste pouco período de tempo são difíceis.

Em relação a representatividade do recreio para instituição escola, e para o país de modo específico, "...tem sido referido por entidades no domínio da saúde pública, como um contexto importante no âmbito da promoção da Atividade Física (AF) em crianças e jovens" (MARQUES, NETO, ANGULO & PEREIRA, 2001). Por esta ótica o recreio representa uma oportunidade para promoção de saúde. "É uma oportunidade ideal ao encorajar nas crianças comportamentos fisicamente ativos e contribuir para o cumprimento das recomendações de AF (STRATTON & RIDGERS, 2003).

É importante ressaltar como os ambientes afetam os seres humanos e despertam diferentes sentimentos e emoções a depender das características expressas, no recreio não seria diferente.

Sentimentos e emoções fazem parte do ser humano e pode ser um combustível poderoso para delimitar as ações. Segundo Wallon (1989), as interações com outras pessoas são essenciais, pois objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, como predomínio da emoção sobre as demais atividades. Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento humano (LATEILLE, DANTAS & OLIVEIRA, 1992, WALLON, 1945/1989). Em que outro momento da rotina escolar essa possibilidade de evasão das emoções pode ser validada e exercida?

Os sentimentos em relação ao recreio, principalmente pensando nas crianças, são de suma importância, pois é neste ambiente que elas aprendem a lidar com os diversos mixes de emoções. A alegria é um sentimento visivelmente presente no recreio, este tipo de sentimento é de uma força tão forte que marca os momentos na memória pro resto da vida.

Outro sentimento sempre presente na vida e no cotidiano não só das crianças, mas nos seres humanos de modo geral, é a raiva. O recreio também abarca momentos de raiva e violência, comportamentos agressivos são vistos com muita frequência, afinal as crianças estão cada vez mais expostas a informações e problemas que antes cabia somente aos adultos resolverem.

De acordo com Silva et al (2015),

O comportamento agressivo em crianças é visto como um dos problemas que resultam da violência doméstica, considerando que a família tem o poder de influenciar seus pequenos integrantes na aquisição de modelos agressivos. Efeitos prejudiciais a curto, médio e longo prazo vêm sendo retratados na população infantil que apresenta essas condutas constantemente. Na escola, a agressividade causa sérias dificuldades e traz consequências negativas ao sistema de educação do Brasil. A violência escolar vem sendo relacionada a comportamentos agressivos e antissociais, além de estar associada a conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos. (SILVA, 2015, p.13)

Essa violência gerada pela criança pode causar algum transtorno psicológico em alguma fase da vida. Por mais que crianças possam também passar por estresses, é mais comum encontrar elas tristes seja qual for o motivo. Sabemos que nessa fase da

vida a brincadeira é bastante presente na fase da criança, entretanto, o estresse precoce pode acabar tirando os benefícios que toda a prática corporal tende a oferecer aos jovens.

2.3 A relação entre recreio e educação física

Segundo Merino (2001), a Educação Física consegue ter acesso com facilidade ao recreio por ter grande compatibilidade de elementos, como por exemplo, o jogo, a recreação, o movimento corporal, o lazer, etc. Sobre a importância da Educação Física escolar infantil, diz:

Compreendemos, então, que a Educação Física tem um papel fundamental na Educação Infantil, pela possibilidade de proporcionar às crianças uma diversidade de experiências através de situações nas quais elas possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reelaborar conceitos e ideias sobre o movimento e suas ações. (p. 33)

As aulas de educação física estão relacionadas ao movimento da cultura corporal e ao desenvolvimento do ser humano de modo integral, ou seja, abrangendo os aspectos motores, cognitivos e psicossociais. A educação física em diversos momentos utiliza da recreação como ferramenta para alcançar seus objetivos desejados.

Observamos que a Educação Física tem uma singular capacidade de ser interdisciplinar e intervir em várias áreas do conhecimento. Todavia, de que forma a intervenção se adequaria de modo positivo ao recreio?

Segundo Teixeira (2012), o jogo é um elemento muito presente no recreio, a educação física pode se apropriar desse elemento para alcançar objetivos específicos, realizando mudanças e variações no jogo para atender as necessidades requeridas, porém é válido lembrar que as crianças que comandam o jogo no espaço

do recreio, se for do interesse delas mudar completamente a dinâmica, elas assim farão.

Por diversas vezes pode se ver conteúdo das aulas de Educação Física sendo apropriados pelas crianças e utilizados no recreio, jogos e brincadeiras, já realizados anteriormente em aula, são modificados e aprimorados ou somente reproduzidos pelas crianças.

O autor reafirma da importância da educação física no contexto escolar como um todo, assim envolvendo o recreio onde a motricidade está bem presente, abrindo um leque de possibilidades para se atuar.

2.4 Intervir ou não intervir?

Segundo Lopes (2012), com todas as demandas que a escola proporciona o recreio escolar está passando despercebido, na grande maioria das vezes, isso ocorre pelo motivo de ser visto apenas como uma pausa na rotina do docente e um momento para extravasar, descansar ou merendar para o aluno. Desse modo o recreio é visto muitas vezes como um espaço improdutivo.

Existe uma grande resistência dos professores quando é proposto um trabalho de supervisão, direção ou orientação de atividades, pelo motivo que nenhum professor quer abrir mão dos seus pouco minutos de intervalo, como qualquer outro trabalhador.

Lopes (2012) afirma que a necessidade do recreio é indiscutível, mas o que as crianças fazem longe dos olhares dos professores? É importante avaliar se há uma necessidade de intervenção pedagógica que crie uma oportunidade para todas as crianças brincarem segura e espontaneamente.

Müller (2008), afirma que outro ponto a se pensar é utilizar o recreio, rico de relações sociais, para educar para cidadania. Além da importância do brincar a formação étnica se faz necessária na escola, sendo assim o recreio apresenta um ambiente propício para o desenvolvimento de valores morais.

Fernandes (2006) também afirma da importância da intervenção no espaço/tempo do recreio, mas ressalta que deve ser feita com planejamento e cautela, se não o recreio se tornaria engessado e pouco espontâneo.

Podemos perceber que esse tipo de posicionamento sempre gera dois lados, positivos e negativos, todavia os autores levam em consideração os contextos atuais, que pesam para o sim, em relação a escolha de intervir ou não intervir.

Em relação aos pontos não favoráveis para intervenção Melz (2012) afirma que seria arriscado realizar intervenções pedagógicas no único momento de liberação e espontaneidade que as crianças possuem, onde ocorreria mais pressão e desgastes psicológicos, sendo prejudicial para as crianças.

A autora ainda compara a má intervenção no recreio como uma continuação dos desgastes e obrigações que há nas salas de aulas convencionais. Causando muitas limitações no que pode ou não pode fazer.

3. ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES

Como dito no início, o recreio representa o foco deste estudo. Acompanhar e observar a rotina do recreio dos alunos na instituição na qual estagiar se tornou minha função. Neste sentido, tive a oportunidade de intervir no campo do recreio, e usar conteúdos e estratégias aprendidos na graduação que me ajudassem a alcançar o novo objetivo proposto pela escola, redução de acidentes e brigas.

- **Antes da intervenção**

Em relação a rotina do recreio, eu estava presente das 10h às 10h 20min e acompanhava todo o recreio dos alunos. As turmas que frequentam o pátio eram a partir do 1º ano e as turmas do Jardim, que correspondem as faixas etárias de 3 aos 5 anos, ficavam em sala e tinha horários de recreio diferentes.

Nos dias de chuva a pátio ficava aberto, as crianças lanchavam em sala e algumas ficam nos corredores.

Nos dias de tempo bom, as crianças iam todas ao pátio, e todas as salas ficam trancadas, incluindo biblioteca e salas multiuso.

Até então, o recreio não fora supervisionado por nenhum professor, supervisor ou auxiliar antes da minha contratação, existia o porteiro e funcionários da limpeza que hora ou outra interviam em brigas e desordem. Mas sem nenhuma orientação designada por não existir nenhuma proposta de intervenção.

Dentro da sala dos professores, se ouvia o barulho lá fora, como se houvesse uma guerra. Era raro o recreio que algum aluno não entrava na sala dos professores se queixando de algum ocorrido, em sua grande maioria brigas, contusões, dentes quebrados e claro professores estressados.

Os professores lanchavam a trilha sonora dessa algazarra advinda do pátio. Estas situações levaram a se pensar numa solução para o problema, tendo defensores, inclusive, que suspendam o recreio.

O outro dado importante da escola em questão, é que eles não autorizavam os alunos a trazer brinquedos de casa exceto na sexta-feira, é quando traziam era em sua maioria bolas e bonecas.

Na escola se vendia lanche para os alunos que não traziam lanche de casa, ou seja, o recreio era usado para lanche ou brincar. Mesmo para o que não precisavam

perder seu tempo com a espera da compra do lanche o tempo era insuficiente o que gera conflito de interesse. Alguns deixam de comer para somente brincar.

Portanto, em função deste estudo, seguimos analisando a dinâmica do recreio e registrando fatos e ideias, tentando extrair elementos para justificar ou não a necessidade de alguma forma de intervenção no recreio.

- **Intervenção**

Durante o estágio busquei muito na literatura e nos meios de recursos disponíveis, atividades e jogos que se adequassem e suprissem as necessidades e objetivos do recreio que estava inserido. Ao decorrer deste trabalho busquei comparar atividades que os autores citaram na literatura com atividades que apliquei, porém as informações foram insuficientes, não tem de modo explícito quais eram as atividades que foram desenvolvidas. No recreio que intervir buscava realizar atividades que abrangessem o maior número de faixa etária possível, e que houve maior interação social entre eles, inicialmente as atividades escolhidas foram brincadeiras de pique, jogos cooperativos e brincadeiras com bola, com regras bem simples e flexíveis, tudo poderia ser mudado por eles, e foi o que aconteceu diversas vezes. Ao decorrer do tempo que estivesse na escola, eles foram pedindo por brincadeiras novas e mais complexas.

Portanto, com Dallabona e Mendes (2004) pude compreender melhor a dimensão do lúdico no ensino e aprendizagem, entendendo que é uma ferramenta importante, e um elemento motivador quando se trata dos momentos de recreio.

Em relação a rotina pedagógica de atividades proposta ao recreio, de segunda a quinta-feira planejava jogos e brincadeiras de diferentes categorias, desde competição e cooperação a jogos populares e de roda, exclusivamente na sexta-feira deixava livre e acompanhava somente o futsal que ocorria na quadra ao lado do pátio. Essa rotina perdurou por quase 2 meses, meu intuito inicial era apenas deixar o maior número de crianças ocupadas com alguma atividade para que houvesse menos incidentes de brigas e acidentes.

Após esse período percebi que eles aprenderam a brincar com os jogos e brincadeiras que apresentei e estavam até modificando à sua maneira. Isso me fez

perceber que não tinha que estar tão presente conduzindo o tempo todo, afinal não era uma sala de aula, era o recreio.

Conforme Freire (1997), no espaço fora da sala de aula, acontecem normalmente duas atividades principais: a aula de Educação Física e o recreio, o que reserva uma grande semelhança no comportamento das crianças em relação a esses dois momentos. É notório como as crianças aguardam ansiosas pelo sinal que dá início ao recreio. De modo similar aguardam as aulas de Educação Física. São caracteristicamente momentos de expansão onde podem correr, saltar, gritar, brincar e jogar.

Em relação ao recreio, pode-se pensar que é o momento mais aguardado por todas as crianças, mas não é bem assim. Muitas crianças se sentem desprotegidas durante esse período, principalmente as menores, pertencentes da 1º e 2º séries, que buscam se proteger ficando perto da porta da sua sala, ou próximos a porta da sala dos professores. Os alunos maiores “tomam conta” do recreio. Só suas brincadeiras dominam. As turmas menores não conseguiam participar dos jogos e brincadeiras na forma como eram realizados tampouco eram convidados.

Outro ponto, são as crianças que não se destacam nos esportes, por isso não se interessam em jogar e ainda são discriminadas por não se encaixarem no estereótipo masculino ou feminino do padrão cultural das atividades.

Segundo as constatações de Cislighi e Neto (2002) onde destacam que 70 a 80% dos comportamentos agressivos da escola ocorrem no recreio e que há necessidade de modificações nas condições de supervisão e organização no recreio, definir uma forma de intervenção pode contribuir significativamente para redução destes índices.

Argumentos como este sustentaram a decisão de inserção no ambiente do recreio. Embora guardando dúvida sobre intervir ou não, a direção da escola assegurava que os resultados das intervenções iriam aparecer com o tempo. Como estava não era possível prosseguir.

O importante, acentuava a direção da escola, era ter confiança na atitude interventora levando novos tipos de estímulos motores e atividades para o recreio.

A ludicidade me ajudou muito nesse ponto, porque já ciente de sua importância eu conduzia os jogos e brincadeiras de formas descontraídas e convidativas,

explorando bastante a capacidade imaginativa das crianças, dando abertura para mudanças e sugestões das próprias crianças. Ou seja, uma forma de intervir não determinista, mas dialógica.

Uma situação que não passa despercebido, é sobre o esporte de alto rendimento e como ele está presente no recreio. Todos os dias os meninos queriam jogar somente futebol ou no caso futsal. Vinham preparados para tal calçados de chuteiras e meias para o jogo. As meninas ficavam excluídas neste espaço. Muitas delas ficavam sentadas olhando os meninos jogar ou conversando em cantos da escola. Poucas meninas ousavam se arriscar no jogo esportivizado dos meninos.

Algumas brincadeiras eram recorrentes na escola, como brincar de pega ou “polícia e ladrão”, este tipo de brincadeira transpassava todos os espaços da escola, inclusive os banheiros que serviam como um refúgio já que os sexos não se misturam nestes ambientes.

Havia amarelinhas pintadas no pátio, porém quase nunca utilizadas, até porque tinham outras crianças correndo por cima dificultando o brincar.

Isso nos remete a constatação de Cislighi e Neto (2002), que afirmam que com a falta ou a baixa quantidade de materiais ou ambientes que ofertem variedade de brincadeiras para as crianças, como apresenta nessa escola, levam a uma subutilização do ofertado ou mesmo a negligência do recurso. Talvez seja por isso que as crianças tendem para jogos de perseguição e ao fascínio pelos jogos com bola. Neste sentido importa observar que os recursos espaciais da escola são utilizados de modo que não atendem o número de alunos existentes.

Neuenfeld (2003) observou em seu estudo, que houve uma perda nas brincadeiras da cultura popular, as atividades se resumem em físico esportivas e brincadeiras de pegar, está visão também foi constatada no ambiente onde me inseri, tendo algumas peculiaridades onde a tecnologia e uso de celulares acabam agravando a desmotivação pelas atividades motoras.

Um fator que colaborou com as minhas intervenções, no sentido de não prejudicar, mas melhorar o recreio, foi o fato de eu já ter trabalhado como recreador em festas e eventos. Isso me fez ter uma gama de dinâmicas ampliadas no momento de planejar e até mesmo no momento de improvisar.

- **Pós intervenção.**

Jogos com pique bandeirinha, queimada, quadrado mágico, entre outros, foram apresentados e aplicados a eles posteriormente. Em diversos momentos era incentivado o compartilhamento de brincadeiras novas ou variações diferentes entre os alunos, mesmo havendo uma certa resistência onde as crianças só queriam repetir aquilo que foi mais interessante da última vez.

Em alguns momentos busquei atividades que tinham o enfoque no desenvolvimento emocional, pra tentar amenizar os conflitos e a constante agressividade presente no recreio. Por fim baseado em outros projetos que deram certo em outras escolas, apliquei o “recreio cultural” que se resume nas crianças apresentarem algum talento ou expressão cultural no ambiente escolar. Esta ideia deu tão certo que tivemos que aumentar o dia das apresentações, inicialmente era 1 sexta do mês, depois fixamos e deixamos as apresentações toda semana na sexta feira, cada sexta com uma turma.

Figuras 1





Legenda: Estruturas e espaços do recreio.

Fonte: arquivo pessoal.

O colégio mesmo tendo recursos e atendendo um público de classe mais alta, mesmo assim tinha dificuldade de atender de forma satisfatória as demandas físicas do recreio, como espaços limitados, muitas grades e portões, pouco verde, e brinquedos plastificados que limitam a brincadeira pela idade, sendo assim os brinquedos mediam as relações, causando efeitos, tanto conflitos quando tinha muita criança para poucos brinquedos ou quando o número de crianças era baixo elas brincavam muito sozinhas.

Um ponto que era muito recorrente no recreio da escola específica onde estagiei eram os conflitos, por diversas vezes as crianças se agrediam e se machucavam, era visível a falta de opções para o que se fazer no recreio.

Na escola que tive oportunidade e vivenciar a rotina do recreio e das professoras, elas relatam que existiam um revezamento na supervisão do recreio dos alunos, na ausência de estagiários, onde elas ficam somente para não evitar acidentes sem nenhuma intervenção pedagógica.

Na condição de estagiário de educação física, uma das minhas funções era justamente realizar essa supervisão, e realizar intervenções pedagógicas afim de melhorar a interação dos alunos, além conduzir atividades onde todos pudessem brincar. Deste modo, eu utilizava de estratégias e ferramentas que aprendi na faculdade, como jogos populares e brincadeiras com abordagens psicomotoras. O recreio se tornou meu laboratório, porém sem ter o peso da obrigação, nenhum aluno não precisava realizar nada que não quisesse, afinal eu me inseri num espaço que é deles.

Relatos de professores mais antigos exemplificavam e caracterizavam o recreio de suas épocas, como momento de liberdade, onde se podia fazer tudo que tivesse vontade. Relataram sobre o tempo em si de recreio que era mais extenso, sobre as brincadeiras que eram mais corporais e o fato de não ter a presença de adultos por perto. O maior contato com a natureza também foi relatado, brincar descalço em contato com a terra, subir em árvores, coisa que eram simples agora não são mais ofertadas com facilidade.

Figura 2

Legenda: Crianças brincando no espaço do recreio.

Fonte: Arquivo pessoal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos consultados e no que foi observado no ambiente escolar em questão, pode se afirmar que boa parte do tempo do recreio é consumida pela atividade de merendar e espaços físicos como quadras os alunos jogam sob o modelo de esporte de rendimento. Os demais, limitam-se a brincar de pega ou simplesmente ficar sentados usando seus aparelhos eletrônicos. Nas observações e leituras, foi muito nítido que as atividades das crianças se repetem e sempre são feitas pelos mesmos alunos.

Em relação à recreação, posso afirmar que ela constitui um valioso conteúdo na práxis escolar e poderia ser mais explorado na escola a despeito de perceber que há negligência e restrições a esse tipo de atuação nas escolas. A recreação está muito vinculada ao prazer, ao brincar, ao jogo, mas a recreação não pode estar presente somente no recreio, mas pode ser utilizada em outras áreas e momentos também do cotidiano escolar.

Como apontam os estudos, há em pauta um debate acerca do fato que durante o recreio o brincar das crianças está prejudicado múltiplos fatores. Nos espaços físicos, os maiores dominam e ditam suas regras, as crianças no geral brincam sempre das mesmas coisas, o celular está tomando o espaço do movimento, os atritos desequilibram o ambiente e afastam as relações, os recursos são concebidos sem a análise dos interesses dos envolvidos diretos e por vezes são perigosos acabando por cair em desuso, o espaço não é pensado para a algazarra natural dos momentos do lúdico. Diante dessas constatações, parece ser interessante considerar que intervir deve ser uma forma de ajudar qualificar o espaço-tempo de recreio.

Então o que pôde ser feito, sem alterar o tempo de recreio estipulado, que já é pouco, sem tirar a sensação que as crianças são donos deste momento foi aceitar a determinação da escola e elaborar, depois de buscar entender como ocorria a dinâmica do recreio da escola, atividades interessantes, com foco no lazer, na diversão para que os alunos pudessem aprender a gostar de outras atividades conjugadas com aquelas que já faziam.

Baseado nos estudos e nas experiências vividas no estágio, acredito sim que a intervenção no recreio escolar, em coerência com a realidade da escola pode ser uma necessidade desde que respeite o direito ao lazer, de brincar e suas escolhas como também a condição plural dos alunos/crianças, corpo docente, etc. Porque isso pode resultar na necessidade de adequações no ambiente da escola de forma a valorizar e possibilitar a complexidade das manifestações lúdicas sem gerar contradições com a organização dos outros atores. Como exemplo, utilizo da interferência que a algazarra gera nos outros ambientes. Penso que é mais coerente tratar a acústica da sala de aula dos professores do que tentar controlar o barulho natural das brincadeiras/jogos.

A intervenção, neste íterim, pode ser muito benéfica se feita de modo organizado e planejado. É indiscutível a importância do brincar para as crianças, mas deve se atentar as condições para que torne isso possível, de modo mais proveitoso possível, visando que as crianças aprendam a gerenciar suas atividades e brincar de modo saudável. Então é válido sim a escola ter essa preocupação com o recreio de seus alunos, que devem ser respeitados em suas devidas necessidades, não como mini adultos. Crianças vão se machucar e isso faz parte do jogo, mas podemos construir formas de diminuição dos riscos, com planejamento, orientação e supervisão.

Posso afirmar, sem titubear, a enorme relevância que este trabalho teve para minha formação acadêmica e, não somente, como para construção de uma visão mais atenta ao mundo da criança. Por diversas vezes eu voltei ao passado, lembrando minhas memórias de quando era crianças e tinha situações completamente diferentes das atuais. Redescobri que o simples pode ser muito para eles, que o brincar é o trabalho da criança e que ela faz isso muito bem, mas na atualidade precisa de auxílio aumentar suas opções e domínio da cultura lúdica pois quem está determinando a construção da infância é cada vez menos a criança.

Acredito que a educação física comporta um amplo potencial para intervir e qualificar este momento escolar, mas com tudo que foi estudado e debatido sobre o assunto, deve haver um suporte e um olhar crítico dos outros professores e direção da escola também, para que o recreio possa ser algo planejado e não limitado.

Em reflexão com o tema posso afirmar que o recreio mudou meu olhar em relação à escola, onde esse tempo/espço apresenta tantas possibilidades, e sendo tão rico e diverso, deixo uma recomendação para meus colegas da área, podemos olhar com um olhar mais atencioso e crítico ao recreio nos possibilitando ajudar e transformar a qualidade do mesmo, não somente do recreio, mas da escola no geral.

Concluindo, uma me vem uma sugestão final como contribuição para um recreio de qualidade. Podemos incentivar os alunos mais velhos a brincar e cuidar dos mais novos. Ou seja, “agir como cuidadores” para gerar empatia e formação de valores (virtude) que é algo difícil de se vincular ao currículo da escola. Lembro de quando criança, os menores eram tratados de “café com leite” para lhes permitir participar das brincadeiras dos mais velhos numa condição mais favorável. Não podemos parar de buscar estratégias e dinâmicas para que isso e tantas outras coisas interessantes do mundo lúdico aconteçam ou voltem a acontecer.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, I. N. S; DE, RODRIGUES, L. A. **O lúdico como recurso didático-pedagógico no desenvolvimento da criança na educação infantil.** Humanidades e Inovação, v.2, n.1, 25-41, 2015.
- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** São Paulo: Loyola, 1995.
- AZEVEDO, Olga. **O recreio no Jardim de Infância: espaço e tempo para construção de culturas da Infância.** Da Investigação às práticas, v. 6, p. 132-156, 2016.
- BOWERS, Luís; GABBARD, Carlos. **Fator de risco dois: projeto apropriado para a idade de playgrounds seguros.** Revista de Educação Física, Recreação e Dança, v. 71, n. 3, pág. 23-25, 2000.
- CAVALLARI, R. C.; ZACARIAS, V. **Trabalhando com recreação.** 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994.
- CISLAGHI, K. M. F.; NETO, C. A. F. **O recreio escolar e as expectativas das crianças.** Sprint – Body Science, p. 28-35, jul./ago. 2002.
- CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO, Marília Pinto de. **Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental.** cadernos pagu, p. 113-143, 2006.
- DA SILVA, Junior Vagner Pereira. **Espaços para o jogo no recreio escolar e a ocorrência de lutas a “brincar”.** LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 11, n. 2, 2008.
- DALLABONA, S, R.; MENDES, S, M, S. **O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar.** N. 4, jan./ mar. 2004.
- DE BARROS, Paulo Cesar. **Jogos e brincadeiras na escola: prevenção do bullying entre crianças no recreio.** 2012. Tese de Doutorado. Universidade do Minho (Portugal).
- DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer.** São Paulo: SESC, 1980. (Série Lazer).
- EIRA, Paulo; AZEVEDO, António Manuel. **O recreio a organização de outros espaços para outras aprendizagens.** Millenium, v. 2, n. 5, p. 47-56, 2020.

- ECKE, Myriam Kely et al. **Atividades e brincadeiras preferidas durante o recreio escolar e tempo de lazer: um estudo comparativo entre escolas da rede pública e particular.** Cinergis, v. 11, n. 1, 2010.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física.** 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- GAEZLER, L. **O recreio na escola de primeiro grau.** Porto Alegre: UFRGS, 1976.
- GARDNER, Howard; CHOQUE, Thomas. **Implicações educacionais da teoria das inteligências múltiplas.** Pesquisador educacional, v. 18, n. 8, pág. 4-10, 1989.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** Editora da Universidade de S. Paulo, Editora Perspectiva, 1971.
- KICHE, Mariana Toni; ALMEIDA, Fabiane de Amorim. **Brinquedo terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 22, p. 125-130, 2009.
- LOPES, Luís et al. **A importância do recreio escolar na atividade física das crianças.** Atividade física, saúde e lazer: educar e formar, p. 65-79, 2012.
- LOPES, Luis; LOPES, Vitor Pires; PEREIRA, Beatriz. **Atividade física no recreio escolar: estudo de intervenção em crianças dos seis aos 12 anos.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 20, n. 4, p. 271-280, 2006.
- MAYER, S. M.; KREBS, R. J. **Comportamento agressivo em escolares do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da teoria dos sistemas ecológicos.** Cinergis, v. 1, n. 1, p. 151-152, jan./jun. 2000.
- MERINO, E.; FERREIRA, L. A. dos S. **Recreio pré escolar: uma proposta de intervenção para o profissional de Educação Física.** In: MERCOMOVIMENTO, 2, 2001. Anais... Santa Maria: CEFD, p. 33. 2001.
- MELZ, Júlia Inês. **Atividades recreativas na educação física escolar: importância no desenvolvimento integral das crianças do 1º ciclo do ensino fundamental.** 2015.
- MÜLLER, Fernanda. **Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças.** Educar em Revista, n. 32, p. 123-141, 2008.
- NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa. **Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física escolar.** Motrivivência, n. 31, p. 36-49, 2008.

- NEUENFELD, Derli Juliano. **Recreio escolar: o que acontece longe dos olhos dos professores?** . Journal of Physical Education, v. 14, n. 1, p. 37-45, 2003.
- PEREIRA, B.; NETO, C.; SMITH, P. **Os espaços de recreio e a prevenção do “Bullying” na escola.** In: NETO, C. (Org.). **Jogo e desenvolvimento da criança.** Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, p. 238-257, 1995.
- RECREIO Legal. **Revista Nova Escola**, p. 50-51, abr. 2002.
- RECREIO, N. O. **TÍTULO: POSSIBILIDADES DAS VIVÊNCIAS LÚDICAS NO TEMPO ÓCIO VIVIDO PELAS CRIANÇAS.** 2013. Tese de Doutorado. CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA.
- PENNA, Cleuza Maria Abranches. **Brincadeiras no recreio: uma reflexão sobre as relações de gênero e sexualidade.** 2011.
- PEREIRA, Vânia; PEREIRA, Beatriz Oliveira; CONDESSA, Isabel. **O tempo de recreio na escola: que sentimentos? que benefícios? perspectivas dos alunos do 1º ciclo do ensino básico. Atividade física, saúde e lazer: olhar e pensar o corpo**, n. 1. ^a edição, p. 67-78, 2014.
- PRATES, Vera Terezinha. **Recreio, que espaço é esse?** 2010.
- RODRIGUES, Décio et al. **Desenvolvimento motor e crescimento somático de crianças com diferentes contextos no ensino infantil.** Motriz: Revista de Educação Física, v. 19, p. 49-56, 2013.
- SILVA, Diego Augusto Santos; DOS SANTOS SILVA, Roberto Jerônimo; PETROSKI, Edio Luiz. **Comportamento sedentário no recreio escolar e fatores sociodemográficos associados.** Journal of Physical Education, v. 21, n. 2, p. 255-261, 2010.
- SNYDERS, Georges. **A alegria na escola.** São Paulo: Manole, 1988.
- TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeira e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento/Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira -2.** Ed. RJ: Wak Editora, 2012.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKY, L.ev. Semenovich. **A formação Social da Mente.** 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZANELLA, A.V.; ANDRADA, E.G.C. **Processos de Significação no Brincar: Problematizando a constituição do sujeito.** Psicologia em Estudo, Maringá, v.07, n.02, p.127-133, jul/dez. 2002.